

Entrevista Automobilismo

Ana Castro Procura demonstrar que os ralis não são só para homens, mas reconhece que ainda é mais difícil para uma mulher ter tempo e patrocínios para correr

"Tenho a sensação de que somos vistas com um olhar crítico"

RUI JORGE CABRAL
rcabral@acorianaooriental.pt

Ao volante de um Toyota Yaris e navegada por Ivone Rodrigues, Ana Castro foi este ano a única mulher piloto a competir com regularidade no Campeonato dos Açores de Ralis. Com 46 anos, natural de Lisboa, mas a residir em Vila Nova de Famalicão, Ana Furet Castro é diretora de projeto no Contact Center da Rhmais, uma empresa de organização e gestão de recursos humanos, em Matosinhos, onde trabalha com quase 700 pessoas.

Como é que os ralis entraram na sua vida e como surgiu a sua ligação aos Açores?

Os ralis, como piloto e a minha ligação aos Açores são indissociáveis. O conhecimento em 2000 e a construção de uma amizade com uma família micalense ímpar - o José Rodrigues, a Ivone e a Maria - aficionados dos ralis e o meu gosto por conduzir e pela velocidade, são fatores fortes e cruciais para se criar uma equipa de rali. Juntando os fatores humanos e motivacionais, os fatores mais técnicos e operacionais ficam suprimidos quando temos a Rodrisauto e o José Manuel Rodrigues a providenciar os

mesmos, com o apoio de alguns patrocinadores e um piloto fantástico com muitas valências, como o João Faria, a assessorar.

Como se sente enquanto mulher num desporto tão dominado por homens?

Perfeitamente à vontade, embora por vezes tenha a sensação de que somos vistas com um olhar crítico. No entanto, considero que este desporto não está limitado ao sexo masculino e, como tal, os lugares cimeiros estão ao alcance de quem se dedica e de quem consegue reunir condições materiais para se manter.

Porque é que, no seu entender, não há mais mulheres nos ralis e no desporto automóvel, em geral?

Se as mulheres quiserem, haverá. Para já, reunir mulheres com tempo disponível para o fazer e patrocínios que ajudem a colocar na estrada mais carros pilotados e navegados por mulheres ainda não é visto como algo comum. Logo, é mais difícil de se conseguir.

Que melhores recordações e resultados guarda dos ralis que já disputou?

As recordações são, sem dúvida, a convivência com estes amigos, com os amigos que ganhei nas diferentes ilhas, com



Ana Castro tem sido a única mulher piloto com presença regular nos ralis açorianos

o público que nos sorriu, as paisagens que guardo na memória e a experiência de conduzir um carro de rali no asfalto e na terra, pela primeira vez. E os resultados, posso dizer, foram todos bons! Chegámos ao fim em todas as provas nestes dois anos e em lugares de destaque.

Qual é a sua classificativa preferida nos ralis açorianos?

Na minha memória está "Entre os Picos" numa noite de chuva, muita chuva e a Serra do Cume, com as suas Eólicas (ambas as classificativas na ilha Terceira). Mas é difícil escolher, porque foi tudo novo para mim.

Que opinião tem sobre os ralis nos Açores e sobre a forma como o campeonato regional está organizado?

O ponto positivo para mim é o facto de ser efetuado em várias ilhas. O pon-

to menos positivo é o não estar bem definido o papel das equipas femininas. No início, nas primeiras provas, eu recebia o troféu pelo 1º lugar, enquanto a minha navegadora recebia, por exemplo, pelo 3º lugar de navegadora ou nem chegava a receber, porque havia equipas mistas. Depois, mudou-se a forma de atribuir os troféus, mas mostra que é algo pouco pensado e que ainda não se está inteiramente preparado para receber equipas femininas. Contudo, acho que já abrimos portas para que se fosse mudando as coisas, o que é bom.

Terminada que está a época de 2018, que planos tem para o próximo ano, ao nível do carro e das provas que vai realizar?

Os meus planos neste tema são traçados pelo José e pela Ivone Rodrigues. Estou cá enquanto quiserem! *

DIREITOS RESERVADOS